

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 1 ▪ Julho | 2019

ANÁLISE DO ESPAÇO E PERSONAGENS NOS CAPÍTULOS 43 A 48 DE EZEQUIEL, A PARTIR DE ENFOQUES SEMÍÓTICOS¹

An analysis of chapters 43 to 48 of Ezekiel, from the semiotic perspective

Dr^a Marivete Zanoni Kunz²

RESUMO

O presente artigo apresenta parte de uma pesquisa desenvolvida pela autora, em seu curso de doutorado. Este recorte consiste numa análise dos capítulos 43 a 48 do livro de Ezequiel, sob a perspectiva de uma leitura semiótica. No texto que segue considera-se questões relacionadas ao espaço, personagens e suas ações no bloco de texto selecionado. O artigo destaca

¹Esse artigo não trará as explicações do método. Para compreensão do mesmo sugere-se leitura de um outro artigo da autora, o qual foi publicado na Revista Via Teológica – Vol. 18 – N^o 36, de Dezembro de 2017. Naquele artigo, a autora analisou os capítulos 8 a 11, de Ezequiel, a partir desse mesmo método, trazendo as explicações necessárias. Assim, o método será diretamente aplicado ao texto. As referências ficarão reduzidas ao estritamente necessário.

²A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (Curitiba, 2000); licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ (Ijuí, 2007); mestre em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2006); doutora em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2012). Professora da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí e das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

apenas alguns aspectos da semiótica, ou seja, aqueles que envolvem o plano de expressão (nível discursivo). O grande destaque está nas peculiaridades do próprio texto e a produção de sentido do mesmo. Vários autores serviram de fonte de pesquisa, especialmente a Greimas, o precursor da teoria semiótica.

Palavras-chaves: Ezequiel. Semiótica. Espaço.

ABSTRACT

This article presents part of a research developed by the author in her doctoral course. This clipping consists of an analysis of chapters 43 to 48 of Ezekiel's book, from the perspective of a semiotic reading. The following text considers issues related to space, characters and their actions in the selected text block. The article highlights only some aspects of semiotics, that is, those involving the plane of expression (discursive level). The highlight is the peculiarities of the text itself and the meaning production of it. Several authors have served as a source of research, especially Greimas, the precursor of semiotic theory.

Keywords: Ezekiel. Semiotics. Space.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresentará uma análise dos capítulos 43 ao 48 do livro de Ezequiel, a partir de elementos que fazem parte de uma leitura semiótica. O olhar estará voltado para uma reflexão, a fim de compreender e interpretar o sentido do espaço neste texto, além das ações dos personagens que estão envolvidos no mesmo. É importante considerar que este bloco fala da regeneração do povo e retorno de כבֿשֿד יְהוָה (k^ebôd Yhwh) ao templo. Ele relata a visão da comunidade restaurada e também de um novo templo. Haverá destaque para algumas marcas linguísticas encontradas nos capítulos 43 a 48 do livro em análise. Entretanto, devido o espaço disponível, o artigo destacará apenas em alguns aspectos que envolvem a análise do plano de expressão, ou seja, delimitação, possíveis formas de estrutura do texto. Como conclusão haverá uma sinopse deste espaço com as ações que ali aconteceram.

1. ANÁLISE DO PLANO DE EXPRESSÃO NOS CAPÍTULOS 43 A 48 DE EZEQUIEL³ - A DELIMITAÇÃO OU SEGMENTAÇÃO⁴

A ênfase desta análise está voltada a algumas marcas linguísticas encontradas nos capítulos 43 a 48 do livro de Ezequiel. Conforme Zabatiero, nessa análise o procedimento consiste na verificação de ordens das partes em que se divide o texto e procura-se ver as formas de encadeamento destas partes.⁵ Por isso, verificar-se-á as indicações dos limites do texto a partir de mudanças ligadas tanto a pessoas, como ao tempo, espaço e vocabulário. Estes capítulos mostraram-se ligados a partir dos espaços neles descritos, bem como dos acontecimentos neles narrados. Por isso, observa-se que há a ligação destes com os capítulos de 8 a 11, tendo em vista que, naqueles, a Glória do Senhor retirou-se do templo e, nestes, aconteceu o seu retorno ao espaço que será descrito.

Neste bloco, o profeta está descrevendo a visão⁶ que teve do retorno da Glória do Senhor ao templo e de tudo o que a partir deste momento deveria acontecer ali em termos de adoração. Ele também descreveu a visão da terra nos arredores do templo. Agora o profeta passou a descrever não mais práticas repugnantes de tal espaço, mas mostrou que, através deste espaço, o Senhor se faria presente junto “aos israelitas” (43.7).

É importante destacar que, apesar do capítulo 47 dar início a um assunto que parece num primeiro momento desconexo, ele está totalmente ligado aos outros capítulos; isso pode ser verificado no próprio texto. Até o capítulo 46 é possível verificar a descrição do território do templo e de seus arredores, bem como das violências. No capítulo 47, o profeta começa a fazer a descrição de

³ Para observar questões críticas dos textos dos capítulos 8 a 11, pode-se consultar o comentário de ZIMMERLI, Walther. **Ezechiel: 1-24**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1969. 578 p. A presente pesquisa não tem o foco nas questões de crítica porque o trabalho não tem por ênfase evidenciar as tensões e incoerências no que diz respeito à redação. A busca não será pela reconstrução do texto tal qual saiu da mão do autor ou do último redator, trabalho significativo e feito pela Crítica textual. Entretanto, em alguns momentos significativos, apontamentos serão dados a esta questão.

⁴ Para mais informações sobre a questão da segmentação, recomendamos o material de: ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Manual de exegese**. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 37. Neste há a orientação de que a segmentação é um procedimento igual ao da delimitação, entretanto restrito ao texto e visa à subdivisão do mesmo.

⁵ ZABATIERO, 2007, p. 37.

⁶ Sobre visões, Sicre lembra os diversos enfoques que são possíveis, entre os quais o cenário, que pode ser desde uma “corte celeste”, como em Isaías, até um “lugar real ou figurado” (a nova Jerusalém), de Ez 40-48 (SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 96).

coisas que não estavam mais voltadas ao cumprimento de leis ligadas a dias festivos e cerimônias que aconteceriam no espaço do templo. Há a mudança de ênfase e a descrição do “rio purificador”.⁷ O profeta enfatizou uma nova terra a partir do espaço do templo, na qual havia um rio sagrado que abençoava os espaços por onde este rio corria. A ligação dos capítulos também pode ser percebida através de personagens descritos como estrangeiros, que antes (cap. 44) eram proibidos de entrar no santuário e agora são citados novamente, fazendo parte da divisão da herança da terra.

Além disso, muitos personagens que apareceram nos capítulos 43 a 46 apareceram novamente no capítulo 47, bem como no 48. Segue a relação de alguns destes personagens: israelitas (43.7; 44.9,15; 48.11); reis (43.7,9); sacerdotes levitas da família de Zadoque ou zadoquitas (43.19; 44.15; 48.11); sacerdotes (43.24,27; 44.21,24,25,27,28,30,31; 45.4,19,20; 46.2,19,20; 48.9,11,13); rebelde nação de Israel (44.6); nação de Israel ou Israel (43.7,10; 44.6,10,12,29,31; 45.4,6,7,8,17); meu povo ou povo da terra (45.8,16,22; 46.9,18) levitas e sacerdotes levitas (43.19; 44.10,15; 45.5; 48.11,12,13,22); povo (44.11,19,23; 45.7,16,22; 46.3,9,18,20); ascendência israelita (44.22; 47.14,22; 48.11); viúva (44.22); divorciada (44.22); mulher virgem (44.22); viúva de sacerdote (44.22); pai (44.25); mãe (44.25); filho (44.25); filha (44.25); marido (44.25); príncipes de Israel ou príncipe (44.3; 45.7,8,9,16,17,22; 46.2,4,8,10,12,16,17,18; 48.21,22); escravos (46.17); filhos (46.17,18); herdeiros (46.18); ministros (46.24); tribos de Israel ou tribos (47.13,21,22,23; 48.1,19,21,23,29,30) e estrangeiros (44.7,9; 47.22).

Além destes personagens, os seguintes assuntos podem ser destacados nestes capítulos: o altar (43.13-17); a lei (43.12, 44.5); as ofertas pelo pecado (43.19-25); a purificação e consagração do altar (43.26); o serviço dos levitas no santuário (44.10-14); o regulamento para os zadoquitas (44.15-31); a divisão de terras nos arredores do templo (45.1-8; 48); os regulamentos sobre pesos e medidas (45.9-12); as ofertas ao templo (45.13.17); as ofertas para as diversas estações do ano (45.18 - 46.24); o príncipe e suas propriedades (46.16-18); o cozimento no templo (46.19-24) e o homem (43.1; 44.1,4; 46.19; 47.1,3).

Há também neste trecho selecionado a apresentação dos personagens com

⁷ Mesquita aceita que esta visão do rio que Ezequiel teve era “um emblema da riqueza da graça e favor de Jeová para com o seu povo” (MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo no livro de Ezequiel**. Rio de Janeiro: JUERP, 1978, p. 148).

suas ações renovadas de forma gradativa. Inicia-se pelo povo conhecendo as leis do templo e do altar (43) e segue-se com estes personagens, juntamente com o príncipe e os sacerdotes, celebrando nos dias festivos. Ou seja, após o texto apresentar o povo rebelde recebendo o recado através do profeta (43.10), seguido de orientações aos sacerdotes de como ministrar, o texto termina com orientações de cumprimentos de tais leis e estatutos recebidos, tanto no capítulo 43 como no 44. Além disso, vale salientar a expressão que aparece nestes capítulos e que também é evidente nos capítulos 8 até 11, ou seja, “Assim diz o Soberano Senhor” ou “Palavra do Soberano Senhor”. Tal expressão (43.18,19; 44.5,9,12,15,27; 45.9,15,18; 46.1,16; 47.13 e 48.29) tinha a intenção de dar ênfase, mostrando, além de práticas reprováveis, mudanças necessárias, conforme a vontade do Senhor. Esta foi uma marca final em que a performance do sujeito destinador aconteceu.

O versículo 43.18 marcou o final da transmissão da visão da planta do templo que o profeta teve e, a partir de 43.19, foram revelados os regulamentos a serem seguidos pelos sacerdotes que viessem a ministrar.⁸ Já no capítulo 44, o sujeito destinador estava mostrando através destas expressões, como os líderes religiosos conduziram o povo por caminhos errados. Entretanto, através de outra expressão conclusiva, encontrada em 44.14, pode-se perceber a ação de bondade do sujeito destinador, ou seja, a expressão “contudo” revelou que os líderes, que agiram de forma errada, não foram de todo esquecidos, mas receberam nova oportunidade. O interessante é que esta mesma expressão foi utilizada para introduzir as boas ações dos líderes fiéis no final do versículo 16, do capítulo 44, bem como na conclusão das novas orientações que receberam (44.27).

Essa expressão também serviu de divisora de assuntos naquilo que se referiu não somente a funções, mas também à orientação em áreas distintas daquele espaço. Um exemplo claro pode ser visto entre os capítulos 44 e 45. Quando os sacerdotes levitas⁹ descendentes de Zadoque terminaram de receber toda

⁸ Tais sacrifícios não tinham o objetivo de alcançar salvação, mas de perpetuar a lembrança e “celebrar uma redenção já realizada sustentada na presença da glória revelada de Deus” (UNGER, Merrill Frederick. **Manual bíblico Unger**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 300).

⁹ Nestes textos, há muita ligação com o templo e suas instalações. Para Schmidt, o fato de o profeta ser sacerdote, ou filho de um sacerdote, torna a questão do templo mais compreensível, inclusive o próprio linguajar do profeta, que muitas vezes está ligado com a Lei da Santidade (SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. 3.ed. Tradução de Annemarie Höhn. São

orientação com relação a sua forma de agir, a expressão “Palavra do Soberano” foi utilizada concluindo o bloco. Depois disto, ela apareceu novamente como conclusão como e início do assunto seguinte, que orientou aos sacerdotes a forma correta de agir no que dizia respeito à divisão das terras, tanto no que se referia à área sagrada, na qual estaria o Lugar Santíssimo, como naquela que dizia respeito à nação de Israel e ao príncipe, no texto de 45.9.

As expressões “Palavra do Soberano, o Senhor” e “Assim diz o Soberano, o Senhor” apareceram duas vezes em 45.9; isso chamou a atenção, tendo em vista uma dupla função, ou seja, primeiro como conclusão do assunto “divisão de terras” e depois, como no caso anterior, introduzindo o assunto ligado ao regulamento de pesos e medida, que os príncipes deveriam seguir. Novamente em 45.15, a expressão “Palavra do Soberano, o Senhor” apareceu como um divisor de águas. Primeiro, ela concluiu o assunto ligado à obrigação dos príncipes e, depois, introduziu o assunto: que mostrava as ofertas do povo ao príncipe e do príncipe ao templo. A expressão voltou a aparecer em 45.18, apresentando um novo assunto; as ofertas para diversas estações do ano.

O capítulo 46 inicia com “Assim diz o Soberano, o Senhor” para orientar especificamente quanto às ofertas de sábado e da lua nova. Vale lembrar que o príncipe estava completamente envolvido nestas ofertas. Ainda no capítulo 46, a expressão “Assim diz o Soberano, o Senhor” apareceu no versículo 16, concluindo o assunto anterior e introduzindo o assunto que fala das propriedades do príncipe. O capítulo não terminou com as expressões acima citadas, mas usou outra expressão conclusiva: “Ele me disse”.

No capítulo 47, no versículo 13, novamente a expressão “Assim diz o Soberano, o Senhor” voltou a aparecer. Após uma descrição sobre a nova terra e o rio sagrado, a expressão veio introduzindo as várias fronteiras da terra, seus limites orientais, ocidentais e do sul e, de forma poética, concluiu o capítulo, novamente com a expressão “Palavra do Soberano, o Senhor”.

No capítulo 48, a expressão “Palavra do Soberano, o Senhor” voltou a ser utilizada no versículo 29. Após a apresentação da nova terra no capítulo 47, no 48 ela veio especificar a divisão desta terra, mostrando a porção sagrada do sacerdote, da cidade, do príncipe e das tribos do sul. De forma majestosa, o capítulo foi concluído com a expressão “O Senhor está aqui”. Essa expressão

Leopoldo: Sinodal/EST, 1994, p. 238).

nos remete aos capítulos 8 a 11, de Ezequiel, nos quais a ênfase era que o Senhor não estaria ali.

Além desta marca, ainda é importante destacar o personagem descrito no texto como “o homem”. Este, durante toda exposição do texto, estava conduzindo o profeta para que visse todas as coisas, desde a Glória do Deus de Israel até o ambiente dentro do templo. Este também conduziu o profeta para ver o lado externo do santuário, à sua frente, e tudo o que estava próximo dele. É interessante observar que nos primeiros capítulos (8 a 11), houve a descrição de “um homem” que tinha a mesma função deste “o homem” do segundo bloco, ou seja, conduzir o profeta a determinados lugares. Parece que, nestes capítulos, o profeta referia-se a este “um homem” como sendo “o homem”, ou seja, alguém que já havia visto antes. Por isso, entende-se que da mesma forma como nos primeiros textos (8 a 11), este “um homem” apareceu agora identificado como “o homem”, pois tinha a mesma função. Os termos que identificam a função deste homem eram “levou-me” ou “trouxe-me”, e descrevia sua ação.

A verificação do espaço que o profeta fez nestes capítulos e diz respeito ao interior do templo (43.6) também lembra do exame que ele foi levado a fazer nos capítulos 8 a 11. Lá ele conheceu muito bem este espaço, por regiões e determinadas especificações. Aqui acontece o mesmo e assim ele pode ver claramente a diferença de como estava este espaço anteriormente e como está agora. Desta forma, já na delimitação do texto foi possível verificar a ligação dos capítulos anteriores (8 a 11) com estes (43 a 48). O espaço é o mesmo, com a diferença que no texto dos capítulos 8 a 11 o Senhor não estava presente e nos capítulos 43 a 48, Ele se faz presente, após seus estatutos serem obedecidos. Vale salientar que tal presença veio acompanhada de justiça nas várias áreas da vida do povo, dos líderes e dos sacerdotes. No que diz respeito a essa ligação entre os capítulos 8 a 11 e os agora citados, Taylor diz que é apropriado o livro terminar como começou, com uma visão, na qual Deus está voltando a habitar com o seu povo, agora já restaurado e estabelecido em sua terra. Para este autor, os capítulos finais têm ligação com a “profanação do Templo e o afastamento da Glória do Senhor para longe de Jerusalém (8.1-11.25), porque retratam o templo reedificado para o qual volta a Glória do Senhor”.¹⁰ Por

¹⁰ TAYLOR, John B. **Ezequiel: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 224.

isso, eles devem ser vistos como parte de uma composição, como um clímax.¹¹ Através da delimitação, percebeu-se que o texto terminou de forma grandiosa, pois a presença do Senhor foi tão real que esta nova cidade veio a chamar-se “O Senhor está aqui”.

2. ANÁLISE DO PLANO DE EXPRESSÃO NOS CAPÍTULOS 43 A 48 DE EZEQUIEL – A ESTRUTURAÇÃO¹²

Nessa parte verificar-se-a a estrutura a partir dos espaços nos capítulos do texto bíblico, conforme o papel dos sujeitos e outras possibilidades, conforme determinadas expressões do próprio texto. Essas diferentes estruturações possuem suas peculiaridades. A forma de estrutura escolhida visa uma compreensão mais adequada da configuração do discurso, no que diz respeito a produção de sentido do texto.

2.1 A ESTRUTURA DO TEXTO DIVIDIDA DE ACORDO COM OS ESPAÇOS DOS CAPÍTULOS 8 A 11 DE EZEQUIEL – ORGANIZAÇÃO TEXTUAL E SEQUENCIAÇÃO

Para melhor compreensão da ênfase dada aos capítulos 43 a 48, em alguns momentos far-se-á apontamentos também dos capítulos 40, 41 e 42. Mas o direcionamento estará voltado aos capítulos em destaque. Também destacar-se-á algumas questões redacionais, visto a complexidade do texto, entretanto, elas não são a ênfase da semiótica e estas são abordadas apenas como forma de elucidar o próprio texto.

2.1.1 Capítulo quarenta e três

Primeira parte (43.1-4): visão do retorno da Glória ao templo.

Segunda parte (43.5-12): visão da Glória no átrio interior e do trono do Senhor. Aqui o profeta foi lembrado daquilo que aconteceu no antigo templo e recebeu o recado daquilo que deveria dizer ao povo de Israel, com relação ao novo templo e suas leis.

¹¹TAYLOR, 1984, p. 224.

¹²Para mais informações sobre a questão da estruturação, recomenda-se o material de: ZABATIERO, 2007, p. 37. Neste há a orientação de que a estruturação diz respeito à identificação dos tipos de arranjos pelo qual o texto é dividido, e é o passo que segue à delimitação. No que diz respeito à estruturação, Schmidt lembra que assim como, em alguns capítulos, a “desgraça lançada sobre o próprio povo” e sobre as nações estrangeiras é enfatizada, assim também a palavra de salvação é mantida com ênfase (SCHMIDT, Werner H. **A fé do Antigo Testamento**. Tradução de Vilmar Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 238).

Terceira parte (43.13-17): descrição do altar e suas medidas. O profeta recebeu a descrição detalhada do altar.

Quarta parte (43.18-27): descrição dos holocaustos e das ofertas a serem queimadas e oferecidas no altar, pelos sacerdotes da descendência de Zadoque. Aqui também houve a consagração ou purificação do altar (v.20), algo que deveria acontecer antes das ofertas serem feitas ao Senhor.

O capítulo 43 apresenta-se como símbolo da perfeição, onde o templo é visto como algo separado do profano, possuindo muitos espaços separados. A entrada neste local estaria sendo controlada por várias escadas e portas que também tinham uma função simbólica.¹³

Este capítulo é compreendido por alguns autores como uma inserção, talvez a mais “recente” do livro. Porém, do ponto de vista literário, o mundo do texto constrói uma visão, na qual o profeta foi conduzido por um ser angelical para receber um recado que deveria anunciar ao povo, sendo que em alguns momentos era a própria כֹּהֵן יְהוָה (*kēbôd Yhwh*) quem falava. Por isso, não é possível aceitar isso apenas como sendo uma proposta do profeta para se voltar às estruturas antigas. Ele teria sido muito criativo para usar deste meio de maneira tão enfática. Também é importante salientar que pode ter acontecido que uma interpretação tardia tenha aperfeiçoado o texto; entretanto, a estrutura fundamental do texto provém de Ezequiel.¹⁴ Mas destaca-se que este capítulo funciona como uma ligação acessível com as visões descritas nos capítulos 1-3 e 8-11.¹⁵ Neste capítulo, destaca-se a expressão conclusiva: “Então eu os aceitarei”. Schmidt destaca em todos estes capítulos selecionados, mas especialmente no capítulo 43, a concepção de habitação de Deus junto ao seu povo. Para ele, esta foi a ideia desenvolvida na visão, “gradualmente ampliada”, de forma especial neste capítulo.¹⁶

2.1.2 Capítulo quarenta e quatro

Primeira parte (44.1-3): a porta do oriente, pela qual ninguém poderia entrar porque o Senhor por ela passará e esta será fechada.

¹³ SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas II**: grande comentário bíblico. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 865-867.

¹⁴ SCHREINER, Josef. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. 2.ed. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Teológica, 2004, p. 293.

¹⁵ GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 455.

¹⁶ SCHMIDT, 1994, p. 243.

Segunda parte (44.4-5): o profeta em frente ao templo.

Terceira parte (44.6-9): a exclusão dos estrangeiros do serviço do santuário.

Quarta parte (44.10-14): o serviço dos levitas que haviam se apartado do Senhor, no passado.

Quinta parte (44.15-31): o serviço dos sacerdotes zadoquitas e alguns dos regulamentos que eles deveriam guardar para ministrar tal tarefa.

Com relação a este capítulo, autores como Cooke questionam como assuntos similares repetem-se a exemplo dos textos de 43.1-12 e 44.1-8. Na opinião do autor, parece estar repetindo-se a questão do profeta ver a *קבֹוד* (*k^ebôd*) encher o templo e ouvir a voz proclamar os estatutos e leis. Outra questão seria o fato de em 43.7-8 a santidade do templo ter sido profanada devido aos túmulos reais, enquanto em 44.6-8 a culpa seria dos estrangeiros incircuncisos. A questão seria como responder tanto às similaridades como as diferenças.¹⁷ Na realidade, o que acontece entre os pensamentos dos autores que estudam este texto é que enquanto alguns acreditam que estas passagens são versões semelhantes do mesmo texto (a exemplo de Kr. Steuern, citado por Cooke), outros acreditam que 44.1-8 é uma descrição posterior do evento narrado em 43.1-12. Porém, o próprio Cooke, apesar de afirmar que 43.1-12 revela sinais de expansão e alteração, especialmente nos versículos 10-12, de maneira ponderada, também afirma que dificilmente pode-se ir além do apreciar ou avaliar as explicações.

2.1.3 Capítulo quarenta e cinco¹⁸

Primeira parte (45.1-8): descrição do território do templo e seus arredores. Aqui houve a descrição da parte dos sacerdotes, príncipes e levitas.

Segunda parte (45.9-12): os regulamentos sobre as obrigações quanto ao uso dos pesos e das medidas que os príncipes aplicariam ao povo.

Terceira parte (45.13-17): descrição das ofertas que deveriam ser entregues pelo povo ao príncipe e das que o príncipe faria ao templo.

Quarta parte (45.18-20): oferta de destinada à expiação do templo, feita com o sangue da oferta pelo pecado.

¹⁷ COOKE, G. A. **A critical and exegetical commentary on the Book of Ezekiel**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1960, p. 462.

¹⁸ Champlin coloca este capítulo juntamente com uma divisão, que abrange de 44.1 até 46.26, e a classifica como “A adoração milenar” (CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, v. 2, p. 664).

Quinta parte (45.21-25): a Festa da Páscoa, na qual o príncipe faria a oferta pelo pecado de si mesmo e de todo o povo, entre outras ofertas e holocaustos.

Unger define este capítulo como “Porções de outros grupos”.¹⁹ Estes grupos seriam tanto sacerdotes como levitas, casa de Israel e do Príncipe. Ele também enfatiza a discussão sobre o príncipe e as festas.²⁰ Na realidade esta é a linha que a grande maioria dos autores segue, ou seja, analisam o capítulo como porções ou repartições, como também é o caso de Taylor. Este autor enfatiza, a partir dos primeiros versículos deste capítulo, que as divisões tribais continuam no capítulo 47 e vão até o capítulo 48.²¹

2.1.4 Capítulo quarenta e seis

Primeira parte (46.1-8): descrição das ofertas do príncipe nos sábados e na lua nova.

Segunda parte (46.9-15): os regulamentos para as ofertas nas solenidades e festas fixas.

Terceira parte (46.16-18): o príncipe e suas propriedades.

Quarta parte (46.19-24): a culinária no templo.

Este capítulo revela que o príncipe tinha obrigações ligadas à oferta, para dias especiais, sábados e luas novas, mas também tinha privilégios ligados à porta oriental. Por ela, ele poderia adentrar até o limiar interno (44.2), tendo uma visão do que acontecia no altar central, embora sem pisar no átrio que pertencia aos sacerdotes e levitas. Os sacrifícios ali oferecidos eram uma variação dos sacrifícios descritos no Pentateuco (Nm 28.9-15). É preciso lembrar que quando não fossem dias festivos o príncipe entrava e saía do local da mesma forma que o povo. Um dos destaques dado por Taylor neste capítulo é que não deveria haver linha divisória entre a vida espiritual e as atividades sociais, e o templo de Ezequiel mostra esta fusão saudável.²²

2.1.5 Capítulo quarenta e sete

Primeira parte (47.1-12): uma nova terra santa e o rio purificador.²³

¹⁹ UNGER, 2006, p. 300.

²⁰ UNGER, 2006, p. 300.

²¹ TAYLOR, 1984, p. 245.

²² TAYLOR, 1984, p. 247-248.

²³ Para Unger, este rio era tão real como a visão do templo e provavelmente era um rio de verdade, como a cura que o mesmo traria (UNGER, 2006, p. 301). Bruce vê este rio como símbolo da vida no Espírito, a qual é oferecida pelo evangelho (BRUCE, F. F. (Ed.). **Comentário bíblico NVI:**

Segunda parte (47.13-17): os limites ao norte da terra.

Terceira parte (47.18): os limites orientais.

Quarta parte (47.19): os limites do sul.

Quinta parte (47.20): os limites ocidentais.

Sexta parte (47.21-23): os estrangeiros e sua herança.

A grande ênfase deste capítulo fica para o rio que flui abaixo do limiar do templo, que simboliza as bênçãos da presença de Deus no seu santuário e em toda terra. Por isso, não é necessário ver este rio de forma literal, mas observar sua lição e que isto representa uma “idealização das bênçãos abundantes de Deus”.²⁴ Desta forma, ve-se que o simbolismo está ligado à visão de Ezequiel.²⁵

2.1.6 Capítulo quarenta e oito

Primeira parte (48.1-7): a distribuição da porção de terra sagrada às sete tribos do norte.

Segunda parte (48.8-22): a distribuição da porção de terra sagrada aos sacerdotes; aos levitas e do príncipe.

Terceira parte (48.23-29): a distribuição da porção de terra sagrada às cinco tribos do sul.

Quarta parte (48.30-35): a nova cidade de Jerusalém.

Williams comenta que todos os capítulos de 40-48 são profecias que podem ter sido acrescentadas depois. Segundo o autor, existe um espaço de tempo de 13 anos entre 33.21 e 40.1, além de uma mudança de estilo.²⁶ Realmente esse espaço de tempo existe; entretanto, deve-se lembrar que, por haver várias datas, não significa que coisas foram acrescentadas, mas, ao contrário, isso pode dar a entender que o autor do livro realmente queria deixar registrados os acontecimentos conforme se sucederam. Assim, esse pode ser tanto um argumento para falar de acréscimo como, da mesma forma, para afirmar a sua autenticidade. Além disso, numa perspectiva literária, a presença das datas provoca efeito de objetividade nas pessoas que ouvem ou leem o texto.

Na realidade, está muito evidente que a estrutura dos capítulos 40-42 apresenta a visão do novo templo, com seus servidores, cultos e solenidades,

Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroger. São Paulo: Vida, 2009, p. 1172).

²⁴ TAYLOR, 1984, p. 249-250.

²⁵ TAYLOR, 1984, p. 250.

²⁶ WILLIAMS, Dereck. **Dicionário bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, Norio Yamakami, Gordon Chown, Robinson Malcomes. São Paulo: Vida Nova, 2000, p.127.

que também foi o tema dos capítulos 44-46. Os capítulos 47-48 enfatizam a divisão da terra. Algumas adições são baseadas no fato de, em alguns momentos, existir um personagem que conduz e ensina ao profeta questões sobre a disposição do templo, enquanto em outros momentos essa descrição se dá de maneira estática. Entretanto, todos estes acontecimentos, “estáticos” ou não, apenas revelam que, além do profeta, existia mais alguém juntamente com ele que lhe transmitia o recado, que possivelmente seria o ser angelical a serviço do próprio Senhor. Assim, não há nada neste fato que possa indicar as irregularidades descritas por alguns autores. Ainda é usado como argumento para se falar das adições o fato de algumas partes serem em formas de “anúncios” e outras de “preceitos”.²⁷ Assim, deve-se lembrar que é algo totalmente possível o uso de anúncios e preceitos juntos.

Nestes capítulos, foram destacados intensamente detalhes da área do templo, além de “um ministério apropriado”, no 44, regulamentos sobre pesos e medidas, bem como contribuições no 45 e um “exame” no 46.²⁸ O que está bem evidente nesta estrutura é o fato de que, tendo ou não as complicações citadas, há a estrutura de uma visão, pois há um mensageiro enviado do céu, que tem a função de medir os prédios e agir como um guia. Quando o exame está concluído (42), o templo e seus prédios ficam prontos, mas desocupados, esperando somente pela presença do Senhor para consagrá-los e colocar em ação todo o ministério de adoração. E, assim, os capítulos 43 e 44 vêm para proporcionar o resultado. Ou seja, o profeta vê o Senhor entrar pelo lado do portão leste e encher o santuário. Apesar do guia estar presente, quem fala é o Senhor, anunciando a santidade do templo e das normas para governar sua adoração. Ainda que a sequência apresente um “jeito” diferente, logo à frente, em 46.19-24, a característica dos capítulos 40-42 reaparece. O final, 47.1-12, novamente traz o cenário da visão e o profeta termina seus escritos.²⁹

2.2 A ESTRUTURA DO TEXTO DIVIDIDA DE ACORDO COM O PAPEL DOS SUJEITOS NOS ESPAÇOS DOS CAPÍTULOS 43 A 48 DE EZEQUIEL

Fazer a identificação do papel dos sujeitos é relevante para melhor compreender a posição destes nos espaços do texto. Estes sujeitos serão

²⁷ SCHÖKEL; DIAZ, 1991, p. 860.

²⁸ CHAMPLIN, 2001, v. 5, p. 3326.

²⁹ COOKE, 1960, p. 425-462.

citados juntamente com os respectivos versículos que fazem sua citação.

2.2.1 O profeta, filho do homem

O profeta é referido desta forma aproximadamente 90 vezes em todo o livro. Tal termo revela a humanidade do mensageiro, comparando-a com a autoridade divina daquele que lhe dava a mensagem e da própria mensagem em si.³⁰ A expressão “filho do homem” também serviu para diferenciar o profeta dos seres que apareceram na sua visão³¹ e ao mesmo tempo destacou que o profeta dependia do Senhor.³² Ele é visto como verdadeiro profeta por estar na presença de Iavé e d’Ele receber a mensagem. Tal posição dá credibilidade à sua tarefa.³³

Ele foi identificado, conforme alguns versículos, pelos pronomes *me* e *eu*. Muitos são os detalhes que o personagem identificado por estes pronomes ficou conhecendo, a saber: como se daria a distribuição da terra aos sacerdotes; para a cidade e aos príncipes; a opressão e violência cometida pelos príncipes (45.1-12); questões ligadas a ofertas sagradas e à forma certa de serem conduzidas ao Senhor (45.13-25) e detalhes ligados à forma de adoração em dias especiais (46). Estes pronomes ainda revelaram que o profeta não escolheu o espaço para olhar, mas foi levado pelo *homem* ou pelo *Espírito* até estes. Quando o profeta foi tratado por meio destes pronomes ficou ainda evidente que dois personagens estavam com ele, o *homem* e o *Senhor*, a exemplo de 44.1. Em poucos versículos como em 46.24 e em 47.6ss, o *homem* que o acompanha lhe disse algo. Geralmente, quem dizia era o Senhor e o *homem* apenas conduzia o profeta.

Em alguns textos, este personagem foi apresentado como sendo o filho do homem. Ele foi citado em 43.7,10,18 como aquele que recebia o recado de Deus e deveria passá-lo ao povo de Israel. Nesse sentido, a função dele era de comunicador da mensagem ao povo.

2.2.2 A Glória do Deus de Israel

Este é o principal personagem do bloco. É ele quem está vindo do oriente

³⁰ HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007, p. 495.

³¹ GREENBERG, Moshe. **Ezequiel 1–20**: a new translation with introduction, notes and commentary. Anchor Bible 22. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1983, p. 61.

³² EICHRODT, Walther. **Ezekiel**. Old Testament Library. London: SCM Press, 1970, p. 61.

³³ ZIMMERLI, Walther. **Old Testament theology in outline**. Atlanta: John Knox Press, 1978, p. 103.

em 43.2 para ocupar o espaço santificado (44.4). A Glória aqui é identificada como a *כבוד* (*k^ebod*) do Senhor. Ela foi apresentada como sendo algo que pertencia ao próprio Senhor. É algo tão especial do Senhor que é como se fosse o próprio Deus ali. Entretanto, esta Glória era diferente porque permitia ser vista, enquanto que o Senhor não permitia ser visto pelo ser humano. A *כבוד* (*k^ebod*) fazia tanta diferença ao ambiente ou espaço que ocupava que o texto em 44.15-19, mostrou que, quando os sacerdotes estivessem na presença da *כבוד* (*k^ebod*) e depois fossem ministrar ao povo, deveriam primeiro trocar de roupas, para que o povo não fosse consagrado por meio destas vestes (44.19). Novamente, como nas visões anteriores, diante desta presença o profeta agiu com reverência, prostrando-se com o rosto em terra. A Glória foi apresentada como algo que ocupava especificamente o espaço do templo (43.5). Além disso, esta é a mesma Glória que, no primeiro bloco (capítulos 8 a 11), saiu do templo. O capítulo 43.5 mostrou que foi a Glória que encheu novamente o templo³⁴ e, a partir de 43.6, o texto apresentou vários pronomes possessivos quanto a este espaço, indicando que o mesmo pertencia ao Senhor ou à Sua Glória, textos como de 43.7 (meu trono); 44.7 (meu templo) e 44.7,8,9,11,15,16 (meu santuário ou templo). Ainda deve ser considerado que tanto o povo como o que aconteceu neste espaço foi descrito como pertencente ao Senhor, conforme os textos de 44.20,23; 45.8,9; 46.18 (meu povo); 44.24 (minhas sentenças); 44.24 (minhas leis); 44.24 (meus decretos); 44.24 (minhas festas); 44.24 (meus sábados); 45.8 (meus príncipes) e 48.11 (me servir). Por meio destes pronomes e destas indicações, ficou claro que este espaço pertencia a alguém identificado no texto como sendo a Glória ou o Senhor. Todas estas expressões ressaltaram que o profeta aqui era apenas um enunciador dos fatos ocorridos.

É importante considerar que este também era um espaço no qual o Senhor queria operar a sua vontade e também ali habitar. Este não era um espaço infinito, mas um espaço limitado territorialmente, assumindo algumas dimensões a partir de marcas encontradas no texto, como: do lado norte, entrada, porta, parede, caminho, átrio, interior, casa, templo, diante do sol, cidade, Jerusalém, santuário, átrios, átrio interior, entrada da casa, porta oriental, ruas, meio, em redor, Jerusalém, terra, e outras. As marcas

³⁴ Champlin comenta que a Glória era tão grande que encheu o templo inteiro, e não somente o Santo dos Santos. Esta foi a mesma que havia enchido o tabernáculo em Êx 40.34-38 e Lv 9.23. (CHAMPLIN, 2001, v. 5, p. 3339).

deixadas nestes capítulos, revelaram um espaço totalmente modificado em relação aos primeiros capítulos. Ou seja, as práticas repugnantes cometidas pelo enunciatório, no primeiro bloco de 8 a 11, aqui não mais existem e todos foram bem-vindos, inclusive os estrangeiros, que não foram aceitos no bloco anterior por não cumprirem a lei do Senhor.

2.2.3 O homem

Este homem apareceu nestes capítulos como alguém que, de forma especial, acompanhou o profeta durante a sua visão. Em poucos momentos ele falou, tais como os textos acima citados, 46.24³⁵ e 47.6ss. No bloco dos capítulos 8 a 11, o profeta também foi acompanhado por alguém em sua visão que foi identificado pelo mesmo termo. No capítulo 44 este guia retomou sua tarefa e apresentou os regulamentos ligados à santidade e à separação que deveria haver do espaço santo de qualquer uso profano.³⁶

2.2.4 Os filhos de Israel, casa de Israel, os rebeldes, Israel, povo, casa, nação de Israel, israelitas

O povo de Jerusalém foi identificado por vários termos, como casa de Israel (43.7,10; 44.6,12,22; 45.6,8,17), Israel (44.10), povo (44.11,19,23; 45.8,10,22) ou filhos de Israel (43.7; 44.9,15). Este era o povo que agora teria a presença do Senhor para sempre, que no passado cometeu abominações, mas, após a purificação do espaço, recebeu orientações de como deveria agir com e no novo templo (43.7-11). Eles ainda foram citados em 43.10 e aparecem como “eles” em 43.7,9,11 e “ele” em 44.11. Ao profeta, o Senhor Deus se referiu a eles como sendo “os rebeldes” do passado. No texto 44.9, os filhos de Israel foram citados como aqueles que introduziram estrangeiros que não cumpriam as leis do Senhor para fazerem o serviço de ministração no templo. Ainda neste capítulo, eles foram o povo que recebeu a ministração dos levitas (44.19).³⁷ É

³⁵ Wiersbe sugere que este homem é um ser angelical (WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento, proféticos. Tradução de Susana E. Klassen. São Paulo: Geográfica, 2006, v. 4, p. 297).

³⁶ BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. (Ed.). **Comentário bíblico São Jerônimo**. Tradução de Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007, p. 656.

³⁷ Os sacerdotes receberam orientações para trocar de roupas quando saíssem do santo dos santos e fossem adentrar no átrio exterior, para ministrar ao povo. A orientação era no sentido de que aquilo que era santo não deveria ser misturado ao profano (TAYLOR, 1984, p. 244).

interessante lembrar que, na visão do profeta, o templo foi descrito também com a intenção de que toda a nação de Israel viesse a envergonhar-se do que havia feito ali (43.10), e desta nação fazia parte este povo aqui identificado.

2.2.5 Reis

Os reis foram identificados em 43.7. Estes são os reis que no passado haviam contaminado a casa do Senhor com prostituições e cadáveres. Eles também foram identificados pelo pronome “eles” em 43.8,9. Quando o Senhor fala nestes versículos do capítulo 43, suas palavras querem mostrar que o novo templo será novamente Sua habitação, e, por isso, ali deve haver santidade. Neste sentido, este espaço não poderia ser contaminado como aconteceu no passado. No passado, conforme texto de 2Rs 23, a contaminação deste espaço acontecia pela prática da idolatria e do sepultamento de reis no recinto sagrado. Conforme o livro de Reis, 14 reis foram sepultados no recinto sagrado. Isso ocorria porque não havia demarcação entre a linha daquilo que era sagrado e o que era profano.³⁸

2.2.6 Deus, Senhor Deus, eu, ele, Senhor Deus de Israel, Senhor

Deus apareceu identificado pelo pronome “eu” em 43.8. Neste versículo estava sendo feita uma referência à destruição ao templo, dos líderes e do povo que houve no passado. No texto de 43.9, o pronome *eu* foi usado quando a Glória afirmava que viveria entre o povo para sempre. A seguir, este pronome aparece em 43.27, revelando quem receberia o holocausto e o sacrifício. Nos textos do capítulo 44, o termo apareceu no versículo 5 identificando aquele que deu os regulamentos ligados ao templo e para afirmar que este *eu* seria a herança dos sacerdotes (44.28). Em 47.14 também há identificação através do pronome *eu*. Neste momento estava sendo feita a identificação de fronteiras entre as tribos de Israel.

Deus também foi identificado pelo pronome “ele” em 43.18, como sendo aquele que trouxe o recado ao profeta. Taylor entende que, neste capítulo 43, há uma palavra especial do Senhor, “de dentro do templo, que é virtualmente uma declaração de consagração”.³⁹

Já em outros textos, como em 43.8,9,19, este personagem estava sendo

³⁸TAYLOR, 1984, p. 238.

³⁹TAYLOR, 1984, p. 237.

identificado pelo pronome *mim*. O texto foi utilizado para identificar o que estava contaminando, o templo e o santo nome desta Glória, bem como para orientar o sacrifício diante do altar. O pronome *mim* apareceu também em 44.15,16. Em alguns momentos do texto, o profeta referiu-se a Deus como “Senhor Deus”, como em 43.18,19. O “Senhor” ainda foi citado nos textos de 43.24,27, nos quais Ele estava se agradando daquilo que os sacerdotes faziam, com relação a ofertas e holocaustos. No texto de 44.2, o “Senhor” apareceu dando orientação ao profeta sobre o caminho da porta do santuário exterior que estava fechada; alertando sobre os regulamentos do templo do Senhor (44.5,6,7,9,12), e como aquele (44.14) que distribuiria as novas funções dos sacerdotes que no passado haviam levado o povo de Israel a contaminar-se. No capítulo 45, o Senhor também apareceu em 45.4,15 dando orientações sobre as ofertas, e, em 45.23, recebendo ofertas de holocaustos.

2.2.7 Sacerdotes e levitas da linhagem de Zadoque, tu, sacerdotes, eles

Zadoque era o fundador da linhagem que teve ministério junto à corte de Davi e junto com Abiatar. A linhagem de Zadoque era responsável pelo templo em Jerusalém, isso até o período em que houve a destruição (587 a.C.).⁴⁰ Este foi o grupo de sacerdotes que se manteve puro perante o Senhor. Eles não foram contaminados pelas abominações do passado e agora foram escolhidos para ministrar perante o Senhor no átrio interior e ao povo. Eles foram citados também nos textos de 43.24,27 e 44.16,18,19,21,24,28,30,31. Em alguns textos, eles apareceram como juízes do povo, como em 44.24, e mestres que ensinariam a distinção entre o puro e impuro (44.23). A vida deles seria diferente em vários sentidos, ou seja, em questões ligadas à forma de se vestir, de comer, de casar, de ter bens próprios, às ofertas recebidas do povo e à herança que receberiam (44.20-31). Eles até mesmo teriam o seu “distrito sagrado” para residência, pois em termos de herança⁴¹ o Senhor seria sua única herança.⁴²

No capítulo 45, eles receberiam parte da terra consagrada ao Senhor para

⁴⁰ BRUCE, 2009, p. 1169.

⁴¹ Os sacerdotes não teriam herança porque o próprio Senhor supria as suas necessidades por meio do povo, quando este entregasse as ofertas (TAYLOR, 1984, p. 244).

⁴² BRUCE, 2009, p. 1169.

sua habitação (45.5), mas também teriam obrigações na realização de ofertas pelo pecado (45.19). A eles caberia fazer os sacrifícios do príncipe (46.2) e teriam um local especial para cozer as ofertas pela culpa e pelo pecado (46.19-20). Na divisão das terras eles não foram esquecidos, pois o texto de 48.10-13 revelou que os descendentes de Zadoque receberiam uma parte especial. Apesar dos textos fazerem uma diferenciação entre os sacerdotes descendentes de Zadoque, por terem se mantido fiéis, os outros grupos que não foram fiéis ao Senhor não foram de todo esquecidos, conforme texto de 48.22.

2.2.8 O príncipe, príncipes de Israel

O príncipe foi identificado como sendo um dos líderes que deveria “comer do pão diante do Senhor”, em 44.3. Como líder do Senhor, a ele também foi destinada parte da terra quando ocorreu a divisão, e ele recebeu parte nos arredores do templo (45.7,8). Eles também recebem advertência quanto à forma de conduzir o povo, (45.9ss). Ao príncipe de Israel foi garantido que o povo contribuiria para as ofertas que estariam aos seus cuidados (45.16,17). Ele também apareceu como alguém responsável pela realização de ofertas pelos pecados dele e do povo (45.22). As ofertas destes seriam sacrificadas pelos sacerdotes e foram descritas de forma especial no texto de 46.2-4.

Quanto ao príncipe, ele também estaria em meio ao povo e, quando oferecesse oferta, teria entradas e saídas especiais (46.10-13). O texto apresentou toda a descrição da herança do príncipe e de seus herdeiros (46.16-18), e na divisão da terra ele também foi citado como aquele que recebeu a terra que restou ao redor da porção sagrada⁴³ e da cidade (48.21-22), de forma que a parte dos levitas e a cidade foram localizadas no centro da área que pertencia ao príncipe.

2.2.9 Estrangeiros

Os estrangeiros foram citados, em 44.7,9. Eles foram identificados como aqueles que foram introduzidos no templo do Senhor, de forma indevida, pelo povo de Israel. Eles não guardavam as ordenanças do Senhor até então. Em 47.21,23, eles foram novamente lembrados na divisão da terra entre as tribos.

⁴³ Bill e Bryan lembram que o príncipe, por desempenhar papel importante no culto do povo, também recebeu territórios ao redor do santuário (BILL, T. Arnold; BRYAN, E. Beyer. **Descobrimo o Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 422).

Além de tudo, eles ainda seriam considerados como israelitas de nascimento (47.22). Bruce comenta que o território (espaço) estaria proporcionando um lar tanto para as tribos de Israel como aos estrangeiros. Assim, estes poderiam se estabelecer e criar suas famílias o que remete a Lv 19.33,34; 24.22.⁴⁴ Entretanto, estes estrangeiros não eram membros da aliança e, por isso, profanavam o espaço com sua presença. Quando os israelitas permitiam isso, estavam violando a aliança. Tais estrangeiros não poderiam atuar como servidores do templo.⁴⁵

2.2.10 Levitas, ministros

Além dos levitas da linhagem de Zadoque, o texto fez menção aos levitas do povo de Israel que no passado haviam cometido iniquidades. Eles foram citados em 44.10-14; aqui foi mencionada qual seria a nova função deles no templo, ou seja, seriam guardas da ordenança do templo, em todo o serviço. Eles agora foram identificados como os ministros das portas do templo (44.11), sendo que não poderiam mais aproximar-se das coisas sagradas e das ofertas santíssimas, embora fossem encarregados de deveres no templo (44.12-14).

O serviço que eles realizariam era aquele que anteriormente estava sendo feito por estrangeiros. Ainda que estes levitas tivessem se apresentado indignos de tais funções por haverem se envolvido com idolatrias, eles poderiam ter funções não ligadas à ministração no altar.⁴⁶ Esta posição que eles receberam, de supervisionar as portas do templo, imolar os animais para os sacrifícios e ajudar na ministração ao povo, era um rebaixamento devido ao comportamento idólatra nos anos anteriores às reformas do rei Josias. Mas ainda assim, isso não é uma forma de denegrir as atividades dos levitas, pois nem mesmo estas tarefas o povo poderia realizar.⁴⁷ Isso pode ser descrito como uma nova chance recebida.

2.3 OUTRAS FORMAS DE ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO

Estes espaços também podem ser caracterizados de outras formas, através de expressões que o próprio texto apresenta. Estes termos também estão

⁴⁴ BRUCE, 2009, p. 1169.

⁴⁵ TAYLOR, 1984, p. 242.

⁴⁶ BRUCE, 2009, p. 1169.

⁴⁷ TAYLOR, 1984, p. 243.

baseados naquilo que aparece no texto original e não somente nas versões bíblicas. Estas formas serão citadas, mas não descritas devido o espaço do artigo. Tais formas seriam: templo, casa; átrio interior, pátio interno; cidade, terra; rio Quebar; porta; o lugar do trono; saídas, entradas; o cume do monte; santuário; ocidente, oeste; oriente, leste.

3. SINOPSE E SÍNTESE GERAL DO ESPAÇO E AS AÇÕES NO ESPAÇO EM EZEQUIEL NOS CAPÍTULOS 43 A 48

Na estrutura de divisão apresentada neste grupo de textos (capítulos 43-48), tanto no que diz respeito às divisões por espaços quanto da divisão por personagens, foi evidenciado um espaço totalmente diferente dos capítulos 8 a 11. Os problemas encontrados naqueles capítulos (8 a 11) aqui já não mais existem (43 ao 48). Mudanças aconteceram e agora a ênfase está nas novas atitudes que envolveram todos os personagens, desde o líder principal, o povo, às tribos e até quanto aos estrangeiros houve novas visualizações. Esta parte da profecia claramente diferencia-se dos capítulos 8 a 11, pois nos capítulos finais do livro foi apresentado um local no qual havia a interação entre Iavé e adorador que o honravam.⁴⁸

A autoridade continuou sendo do mesmo personagem encontrado nos capítulos 8 a 11, ou seja, tudo girou em torno dos regulamentos a serem seguidos, os quais foram dados pelo Senhor, dono de tal espaço. Percebe-se que foi neste novo espaço que a harmonia reinou e o texto revelou tal situação. Novamente, como nos capítulos 8 ao 11, houve ênfase na palavra do Senhor quanto àquilo que agora deveria ser cumprido no templo de Jerusalém, nos seus arredores, enfim, na cidade como um todo. Não há dúvida de que a grande mudança aconteceu devido às atitudes de todos em busca do cumprimento da vontade do Senhor. Nestes capítulos a realidade vivida por todos era diferente, por isso as práticas não foram mais consideradas repugnantes. Tudo isso resultou na presença do Senhor ali, questão maior e a grande diferença e ênfase dos blocos. Prova disso é o texto terminar com tão forte afirmação quanto ao nome deste novo espaço, ou seja: “O Senhor está aqui”.

Os vários espaços foram caracterizados por meio de expressões extraídas do próprio texto, revelando a ênfase do templo em detrimento dos outros

⁴⁸ HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Redondo e Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Vida, 2005, p. 436.

locais, devido ao fato de este ser o local especial para o Senhor habitar. Porém, precisa-se lembrar que para estes espaços tornarem-se diferentes foi necessário acontecer neles uma cerimônia de purificação, ao que Bruce chama literalmente de “despecalizar”, por meio de holocaustos e ofertas.⁴⁹ Tudo foi feito com ênfase e pelo comando da voz do Senhor, através da visão do profeta. Quando os locais são especificados, destaca-se novamente o termo “ver”, pois este teve grande ênfase neste bloco, assim como no primeiro. O profeta foi conduzido a ver tudo de forma extremamente detalhada, assim como ocorreu no primeiro bloco de textos.

Apesar da opinião erudita (Eichrodt, Cooke e Greenberg) concordar quanto ao diferente estilo destes capítulos, para os editores do comentário São Jerônimo vários fatores apontam para estes capítulos como o cumprimento de promessas de que o santuário de Deus seria restaurado, completando a visão dos capítulos 8 a 11. Eles também acreditam que a ênfase tem ligação com a profanação deste espaço cúbico e “o restabelecimento de uma santidade apropriada da terra e do povo”.⁵⁰ Também deve-se dar atenção ao capítulo 46, pois ele destaca as ações rituais que aconteciam no templo e a visão do poder que do templo emanava. A imagem também vem do rio que corre do templo e traz transformação. Este rio revela fertilidade e vida, bem como o poder de Deus habitando no santuário.⁵¹

Assim, o que verifica-se por meio dos personagens e da descrição dos espaços acima é que neste final da visão houve maior associação entre o povo e a sua terra. A purificação do povo também revelou que a terra e seu espaço estavam purificados.⁵² Assim, quando tudo mudou, a presença de Iavé retornou.

Assim como nos capítulos 8 a 11 esse era um local com especificações. Percebe-se uma clara ligação com a visão que o profeta teve quando viu o espaço da cidade que foi destruída. Há uma comparação entre estes dois espaços. O texto de 43.3 diz “*o aspecto da visão que tive era como o da visão que eu tivera quando veio destruir a cidade [...]*”. Da mesma forma que nos capítulos 8 a 11, o espaço aqui foi descrito e caracterizado por suas regiões

⁴⁹ BRUCE, 2009, 1168.

⁵⁰ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2007, p. 655.

⁵¹ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2007, p. 658.

⁵² BRUCE, 2009, p. 1165.

e lados, tanto o templo como a cidade. Observa-se expressões similares tais como: “[...] levou-me até a porta que dava para o lado leste [...]” (43.1); “Depois o homem trouxe-me de volta para porta externa do santuário que dava para o lado leste [...]” (44.1); “Então o homem levou-me até a frente do templo, passando pela porta norte [...]” (44.4); “O homem levou-me à entrada do templo [...]” (47.1); “[...] e conduziu-me pelo lado de fora [...]” (47.2) e “O homem foi para o lado leste [...]” (47.2). Isso ainda pode ser observado em 47.15-20 e 48.2-28. Assim, este espaço foi apresentado com suas entradas, saídas e lados de forma bem especificada. Todos estes detalhes, pelos quais o templo foi descrito, mostraram a importância da presença divina também no que diz respeito à renovação das ações do povo, pois quando o espaço era descrito, juntamente as ações dos personagens eram identificadas.⁵³

Não há dúvidas de que as especificações deste espaço trazem uma forte ligação com a presença da Glória do Senhor. O texto trouxe a seguinte afirmação: “A Glória do Senhor entrou no templo pela porta que dava para o lado leste” (43.4). O espaço destes capítulos também trouxe descrições tais como as encontradas nos capítulos 8 a 11, já analisadas, como: “[...] e me levou para dentro do pátio interno [...]” (43.5). Também traz descrições da parte interna deste espaço, como, por exemplo: “[...] ouvi alguém falar comigo de dentro do templo” (43.6). Estes detalhes revelaram que a presença da Glória estava atenta a todos os espaços e tinha conhecimento de tudo o que acontecia.

Nestes capítulos houve a especificação do dono deste espaço por meio das seguintes afirmações: “[...] este é o lugar do meu trono e o lugar para a sola dos meus pés. Aqui viverei para sempre entre os israelitas [...]” (43.7); “[...] para dentro do meu santuário, profanando o meu templo [...]” (44.7); “[...] quanto às minhas coisas sagradas, vocês encarregaram outros do meu santuário” (44.8); “[...] que fielmente executaram os deveres do meu santuário [...]” (44.15) e “[...] Só eles entrarão em meu santuário [...]” (44.16). Por isso, o Senhor tinha direito de fazer exigências quanto a este local. Este também era um espaço que deveria ser conhecido pelos filhos de Israel, pois o profeta recebeu a seguinte mensagem “[...] descreva o templo para a nação de Israel [...]” (43.10) e “[...] informe-os acerca da planta do templo — sua disposição, suas saídas e suas entradas — toda a sua planta e todas as suas

⁵³ MARTENS, Elmer. **God’s design**: a focus on Old Testament theology. Grand Rapids, Mich: Baker, 1981, p. 226, 227.

estipulações e leis. Ponha essas coisas por escrito diante deles [...]” (43.11).

O espaço descrito no capítulo 45 também tem relação com o templo. Este, também estava relacionado à terra e à sua divisão, a qual também possui algumas especificações. O texto destacou que o Senhor olha para o lugar dos seus ministros com atenção. No final do capítulo 45 observa-se descrições que dão ênfase àquilo que aconteceria no espaço do templo.

O capítulo 46 especificou, de forma precisa, as partes internas do templo, enfatizando os pátios internos e externos, com suas entradas e saídas. Ainda mostrou o local específico para cada ação ali. Já os capítulos 47 e 48 especificaram a terra, suas fronteiras e divisão. Nada foi esquecido: nenhum lado, nenhum personagem. O destaque para os personagens é especial porque revela que o Senhor olha para todos, não se esquece de ninguém e busca estar próximo de todos. Percebe-se nesta descrição o zelo que Iavé espera com aquilo que lhe pertence; ele é detalhista e nada lhe fica despercebido. Todas estas especificações também revelaram a intensidade da visão do profeta e reforçaram que ela não era algo imaginário, mas real.

Estes detalhes também foram usados como forma de argumentar a veracidade da visão que o profeta teve, bem como a importância de tal espaço, tanto para o Senhor como para toda nação. Tudo isso registrado em detalhes como forma de levar o povo a avaliar o passado, comparando-o com o presente, e então agir diferente, pois estes detalhes deixaram claro ao povo o propósito e a finalidade deste espaço.

Assim como nos capítulos 8 a 11 este também era um espaço de manifestações e intenções, pois tanto no santuário como na cidade, podiam-se ver algumas atitudes do povo que levaram a uma ação de Deus. Entretanto, aqui a ênfase foi diferente. Nos capítulos 8 a 11 a ênfase estava na destruição devido às ações abomináveis do povo e dos líderes; aqui, percebemos a presença do Senhor porque a purificação ocorreu e houve o direcionamento para novas ações que o povo, o príncipe (e não mais os líderes), os levitas e os sacerdotes deveriam ter no espaço que o Senhor estaria habitando para sempre.

Enquanto nos capítulos 8 a 11 não somente o templo, mas a cidade estava contaminada devido às ações abomináveis cometidas pelo povo, nos capítulos 43 a 48 a cidade foi apresentada como já restaurada. No espaço dos capítulos 43 a 48 não houve apresentação das ações do povo, apenas orientações de como eles deveriam agir neste novo espaço. Também não houve mais vingança

para o povo da cidade.

O novo templo serviria de espelho para que vissem as coisas erradas que tinham feito no passado. Enquanto no outro havia figuras (8.12) que conduziam à idolatria, este não as teria; enquanto no outro, nas entradas e saídas, havia mulheres que choravam por Tamuz (8.14), neste espaço não haveria mais tal coisa; enquanto no passado eles não obedeciam às leis e os estatutos do Senhor, aqui eles deveriam e iriam fazê-lo. É muito importante considerar que a mensagem daquilo que agora deveria acontecer no novo templo foi também direcionada aos sacerdotes, levitas e príncipes. Estes líderes apareceram nos textos dos capítulos 8 a 11 fazendo coisas erradas, mas nos capítulos 43 a 48, todos os líderes receberam o direcionamento sobre a lei do templo e inclusive as suas medidas (43.12-17). Isso era de fundamental importância, pois cada um dos líderes do Senhor, cumprindo os rituais, deveria saber seu local de atuação

A lei para o novo ambiente foi descrita e revelou como as ações do serviço do templo deveriam ter ocorrido no passado, mas não foram cumpridas. Agora esta lei revelava as ações futuras. No novo templo os serviços deveriam acontecer por meio daqueles a quem realmente estava destinada tal função, pois tal trabalho era algo especial a ser feito. A tal ponto que os levitas descendentes de Zadoque (44.15) também receberam orientações sobre a maneira correta para estar na presença do Senhor. A questão do santo e profano e puro e impuro desde o início foi o problema apresentado no meio do povo. As ações, tanto de Deus como do povo, giraram em torno desta realidade

Percebe-se que, neste novo espaço, as ações do Senhor e dos sacerdotes, levitas, príncipes e do povo deveriam ser diferentes. Entretanto, todas estariam voltadas à questão do espaço considerado sagrado. Tudo girava em torno da purificação, da ministração e da forma de viver neste local considerado especial devido à presença da Glória do Senhor.

Mesmo os pecados por ignorância deveriam receber expiação. A expiação trazia a ideia de cobrir com sangue, assim a ira do Senhor não mais se manifestaria naquele local. Novamente, como nos textos dos 8 a 11, as marcas deixadas mostraram que neste espaço Deus queria habitar e ser adorado, e, para que isso fosse possível, cada um deveria desenvolver seu papel para que o ambiente pudesse ficar adequado para Sua morada. Foi importante que as ações de cada personagem deste bloco também fossem descritas, porque assim

foi possível ao enunciatório fazer uma comparação com as ações do bloco 8 a 11, refletindo sobre todos os fatos. Estas foram tão detalhadas quanto o espaço e assim, por meio delas a mensagem também recebeu destaque.

Nestes capítulos também se percebe que o discurso do texto apresentou algumas marcas que confirmaram a realização dos fatos descritos. Há uma expressão que apareceu diversas vezes para salientar isso, ou seja, “Assim diz o Soberano Senhor” ou “Palavra do Soberano Senhor”. Tal expressão já foi citada e apareceu em 43.18,19 e 44.5,9,12,15,27; 45.9,16,18; 46.1,16; 47.13; 48.29 com a dupla intenção, ou seja, tanto de mostrar as práticas reprováveis que eram cometidas no passado quanto para revelar as mudanças ocorridas. A expressão também tinha a intenção de afirmar que tal palavra era verdadeira, ou seja, ela era diferente de qualquer outra, em termos de credibilidade. A repetição desta expressão é considerada por alguns como uma forma sutil de fazer o povo entender que certamente o Senhor os julgaria como havia falado.⁵⁴

Algo que também chamou a atenção como uma frase argumentativa neste bloco foi a pergunta encontrada em 47.6 “[...]você vê isso?”. A mesma apareceu diversas vezes nos capítulos 8 a 11 com a intenção de convencer o ouvinte de algo errado que ocorria. Aqui ela também apareceu com a intenção de mostrar algo que acontecia, entretanto, agora era algo bom e correto. A pergunta faz lembrar os primeiros textos citados, revelando a contradição daquela situação com relação a esta. Algo também interessante foi resposta do profeta a tal pergunta, ou seja, “vi” (47.3). Porém, agora o profeta viu coisas muito mais belas, em relação aos textos dos capítulos 8 a 11.

Ainda se percebe que, da mesma forma que nos capítulos 8 a 11, nos capítulos 43 a 48 havia alguém conduzindo o profeta. Em momento algum o profeta escolheu os espaços para onde iria, mas sempre havia “um homem” que lhe mostrava e o conduzia a todos os novos espaços. Este mensageiro tinha a função de medir os prédios e agir como um guia. Foi ele quem explicou ao profeta o uso e o propósito de vários detalhes. Este guia esteve presente até o texto de 44.2,5, desempenhando o papel de intérprete.⁵⁵ Assim, o povo compreendeu que a palavra não era do profeta, mas provinha de outro ser.

Além do termo “o homem”, outro personagem e outra expressão se destacaram, pois fizeram ligação com os textos dos capítulos 8 a 11: “[...]”

⁵⁴ HILL; WALTON, 2007, p. 495.

⁵⁵ COOKE, 1960, p. 425-427, 462.

o Espírito pôs-me em pé [...] (43.5). O texto quer enfatizar a ação deste personagem, tanto nos textos de 8 a 11 como nos capítulos 43 a 48, bem como seu papel. O primeiro grupo de textos (capítulos 8 a 11) terminou com a atuação deste personagem levando o profeta até os exilados (11.24). Agora, o segundo grupo de textos (capítulos 43 a 48) iniciou com este mesmo personagem conduzindo o profeta para a nova visão do espaço modificado. Blenkinsopp afirma que o profeta Ezequiel foi de forma misteriosa sustentado pelo Espírito, como se estivesse no interior de uma corte, onde viu a Glória do Senhor tomar posse do templo.⁵⁶

Algo similar que aparece nos capítulos 8 a 11 e é encontrado nos capítulos 43 a 48 é a expressão “[...] *me prostrei com o rosto em terra [...] (43.3; 44.4)*. Tal expressão apareceu em 9.8 e 11.13. Esta expressão revelou ao ouvinte a convicção do profeta diante da pessoa com quem se encontrava. Esta atitude demonstrou claramente que tal pessoa era alguém superior, de destaque. Por isso, a ideia que o texto queria transmitir era a de que o profeta estava vendo alguém que merecia ser reverenciado. O interessante é observar o local em que o profeta teve tal atitude, ou seja, no templo, espaço de adoração ao Senhor.

Da mesma forma que nos capítulos 8 a 11, nos capítulos 43 a 48 a ênfase estava em ações e na descrição do espaço. Entretanto, aqui as ações são apenas descritas como algo que estaria por vir, enquanto no primeiro bloco elas já aconteciam. Assim, a relação dos assuntos mostra que o segundo grupo de textos continuou com um estilo argumentativo semelhante ao do primeiro.

Algumas sentenças metafóricas destacaram-se e serão citadas abaixo. Estas tinham a intenção de revelar e persuadir o leitor a tomar decisões referentes ao espaço sagrado. Algumas destas seriam: **a)** “*Sua voz era como o rugido de águas avançando, e a terra refulgia com a sua glória (43.2)*; **b)** “[...] *o lugar para a sola dos meus pés [...] (43.7)*; **c)** “[...] *Aqui viverei para sempre entre os israelitas [...] (43.7)* e “[...] *eu viverei entre eles para sempre (43.9)*; **d)** “[...] *contaminará o meu santo nome [...] (43.7)* e “[...] *contaminaram o meu santo nome [...] (43.8)*; **e)** “[...] *suas práticas repugnantes [...] (44.6,7)*; **f)** “[...] *trouxeram estrangeiros incircuncisos no coração [...] (44.7,9)*; **g)** “[...] *carregarão a vergonha de suas práticas repugnantes (44.13)*; **h)** “[...] *O Senhor está aqui (48.35)*.”

⁵⁶ BLENKINSOPP, Joseph. **Ezekiel**: interpretation. Louisville: John Knox, 1990, p. 210-211.

Todas estas metáforas intensificaram a veracidade da descrição do texto e descreveram a nova situação no espaço do templo e da cidade. Elas ajudaram a confirmar os fatos ocorridos no espaço descrito como algo a ser levado a sério na vida do povo. O transmissor da mensagem fez uso de expressões e símbolos que foram além do físico, com o intuito de melhor compreensão de algo tão sublime, ligado à santidade e fidelidade.⁵⁷ Alguns autores veem que este livro apresenta grande riqueza de formas literárias hebraicas do Antigo Testamento dando um “tratamento de choque” à nação que estava pecando contra o Senhor. Tal linguagem foi utilizada com a intenção de levar o povo a se tornar sensível e ser convencido dos pecados ligados à área espiritual e do que aconteceria no futuro quando tudo estivesse restaurado. Ela também mostrou que o Senhor estava prestes a julgar o povo. Neste sentido, toda estrutura do livro ajudou no propósito de transmissão da mensagem. E a visão do novo templo ajudou a enfatizar a soberania do Senhor.⁵⁸ Entende-se que toda estrutura destes capítulos mostrou expressões que demonstraram “uma teologia coerente”.⁵⁹

Todos os capítulos deste segundo grupo (43 a 48), foram construídos com ênfases, entre elas, o estilo de linguagem tanto na estrutura como nas formas argumentativas e a forma metafórica que direcionou a presença do Senhor junto ao seu povo, no espaço do templo e da cidade. Todos os detalhes acima descritos com suas formas complicadas e não comuns, tornam-se um desafio para a interpretação. Mas estas formas não dificultam a transmissão da mensagem que mostra que o Senhor reina e controla tudo, inclusive o povo que está na Babilônia. Por meio destas formas, Iavé se mostrou como aquele que pode movimentar-se em todas as direções, mantendo sua presença em todos os espaços. E é devido a Ele poder ver tudo e todas as coisas que estaria agindo em favor de seu povo.⁶⁰

Os textos em destaque ainda apresentaram Deus como a figura que deveria ser adorada, de forma especial no espaço sagrado. Uma forma de adorar ao Senhor era seguindo as leis. Isso revelou Sua grandiosidade, a mesma que conduziu o enunciatário durante a visão. Diante de tal figura de poder, o

⁵⁷ HOUSE, 2005, p. 418.

⁵⁸ HILL; WALTON, 2007, p. 494.

⁵⁹ HOUSE, 2005, p. 417.

⁶⁰ HILL; WALTON, 2007, p. 496.

enunciatório não teve como argumentar, ele apenas prostrou-se em atitude de reconhecimento e aceitação.

REFERÊNCIAS

BILL, T. Arnold; BRYAN, E. Beyer. **Descobrendo o Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BLENKINSOPP, Joseph. **Ezekiel: interpretation**. Louisville: John Knox, 1990.

BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. (Ed.). **Comentário bíblico São Jerônimo**. Tradução de Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007

BRUCE, F. F. (Ed.). **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroger. São Paulo: Vida, 2009.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 5.

COOKE, G. A. **A critical and exegetical commentary on the Book of Ezekiel**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1960. 558 p. (The international critical commentary [26]).

EICHRODT, Walther. Ezekiel. **Old Testament Library**. London: SCM Press, 1970.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988. 639 p.

GREENBERG, Moshe. **Ezequiel 1–20: a new translation with introduction, notes and commentary**. Anchor Bible 22. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1983.

HILL, Andrew E; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**.

Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Redondo e Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Vida, 2005. 759 p.

MARTENS, Elmer. **God's design: a focus on Old Testament theology**. Grand Rapids, Mich: Baker, 1981.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo no livro de Ezequiel**. Rio de Janeiro: JUERP, 1978. 152 p.

SCHMIDT, Werner H. **A fé do Antigo Testamento**. Tradução de Vilmar Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 562 p.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. 3.ed. Tradução de Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1994. 395 p.

SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas II: grande comentário bíblico**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1991. 1411 p.

SCHREINER, Josef. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. 2.ed. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Teológica, 2004. 559 p.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Petrópolis: Vozes, 1996. 540 p.

TAYLOR, John B. **Ezequiel: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. 255 p.

UNGER, Merrill Frederick. **Manual bíblico Unger**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2006.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento, proféticos**. Tradução de Susana E. Klassen. São Paulo: Geográfica, 2006. Vol. 4.

WILLIAMS, Dereck. **Dicionário bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy

Yamakami, Norio Yamakami, Gordon Chown, Robinson Malcomes. São Paulo: Vida Nova, 2000.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Manual de exegese**. São Paulo: Hagnos, 2007.

ZIMMERLI, Walther. **Ezechiel: 1-24**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1969. 578 p.

ZIMMERLI, Walther. **Old Testament theology in outline**. Atlanta: John Knox Press, 1978.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional